



A praça central, sempre bem cuidada, com a velha igreja católica ao fundo

# Barra do Jucu, uma vila de pescadores que muda no verão

“Quem passa um mês aqui na Barra do Jucu acaba sempre voltando, não tem jeito”.

Mesmo descontado todo o bairrismo de quem a pronúncia, a frase encontra total respaldo se se olhar com atenção para a história de Barra do Jucu e sua comunidade — incluindo aí os turistas que anualmente invadem no verão suas praias e modificam totalmente a rotina da localidade. A autora da frase, a moradora Aparecida Valadares Duarte, a **Tida**, é ela própria — um exemplo vivo dessa máxima de que a Barra do Jucu, um pequeno bairro de três mil pessoas nas margens da Rodovia do Sol, em Vila Velha, tem um **algo mais** que faz as pessoas voltarem lá, inevitavelmente, seja como morador definitivo, seja como simples turista, a passeio.

## AS ORIGENS

Nascida e criada em Barra do Jucu, **Tida** passou alguns anos fora, mas agora voltou às origens e garante que não troca o tipo de vida de lá por qualquer outro. A mesma opção que fizeram seu pai e seu avô, o que faz da família Valadares Duarte uma das mais tradicionais e típicas do lugar.

“Aqui a gente ainda pode dormir de janela aberta” — atesta o pescador Irio Falcão, que aos 72 anos, é o morador mais velho de Barra do Jucu. Seu Irio — com filhos, netos e bisnetos quase todos nascidos e criados no bairro — se lembra perfeitamente de toda a história do lugar, desde os primeiros moradores e a ponte sobre o Rio Jucu cujos pilares foram construídos com óleo de baleia pelos Jusuítas, até das lendas e histórias de pescadores — como a que relata uma briga corporal entre Santo Antônio e o Diabo.

Originalmente, a Barra do Jucu era uma aldeia habitada exclusivamente por pescadores, que iam de mês em mês a Vitória, e, quando iam, ou eram obrigados a remar até Caçaroca, de lá até o Rio Marinho, Cobi e a Baía de Vitória, ou andavam a pé durante quatro horas. Por ironia, o primeiro impulso sofrido pelo bairro foi uma doença, a **béri-béri**. E Barra do Jucu surgiu, por volta de 1920, como o lugar ideal para o seu tratamento.



Para a maioria dos moradores, a resposta é não, mas as razões podem ser encontradas muito mais na desvalorização do folclore do que propriamente na deterioração da convivência entre os moradores.

## ALGO MAIS

Essa convivência — os moradores não desconhecem — já não é a mesma de antigamente, mas mesmo assim muito daquele **algo mais** que atrai as pessoas a Barra do Jucu está nesse clima cordial, que permite por exemplo que os moradores durmam de janela aberta — e sem grade,

“Hoje, com toda a carestia, com tudo mais difícil em matéria de emprego, está cem vezes melhor que antigamente” — afirma o comerciante aposentado (e pescador sempre) Aristóteles José Duarte, morador de Barra do Jucu desde 1950, quando ainda não havia sequer luz elétrica, colocada em 1950 pelo então prefeito Tufi Nader.

Com o tempo, a paisagem foi se modificando (“antigamente isso era quase tudo mata, havia no máximo cinco casas de telha, o resto era de palha” — lembra Aristóteles José Duarte), novos moradores para lá se mudaram mas nem isso serviu para quebrar totalmente o encanto que Barra do Jucu exerce sobre as pessoas desde os anos da **béri-béri**. Hoje, há uma aparência de intensa atividade industrial pelas 14 malharias, entre pequenas médias e grandes, lá instaladas. Isso porque essas unidades fabris pouco representam em termos de emprego, já que, com exceção de uma, as demais não têm fabricação própria; trazem os produtos do Estado do Rio (Petrópolis, principalmente) e São Paulo e vendem mais por atacado.



## ÀS ORIGENS

Nascida e criada em Barra do Jucu, Tida passou alguns anos fora, mas agora voltou às origens e garante que não troca o tipo de vida de lá por qualquer outro. A mesma opção que fizeram seu pai e seu avô, o que faz da família Valadares Duarte uma das mais tradicionais e típicas do lugar.

“Aqui a gente ainda pode dormir de janela aberta” — atesta o pescador Irio Falcão, que aos 72 anos, é o morador mais velho de Barra do Jucu. Seu Irio — com filhos, netos e bisnetos quase todos nascidos e criados no bairro — se lembra perfeitamente de toda a história do lugar, desde os primeiros moradores e a ponte sobre o Rio Jucu cujos pilares foram construídos com óleo de baleia pelos Jusuftas, até das lendas e histórias de pescadores — como a que relata uma briga corporal entre Santo Antônio e o Diabo.

Originalmente, a Barra do Jucu era uma aldeia habitada exclusivamente por pescadores, que iam de mês em mês a Vitória, e, quando iam, ou eram obrigados a remar até Caçaroca, de lá até o Rio Marinho, Cobi e a Baía de Vitória, ou andavam a pé durante quatro horas. Por ironia, o primeiro impulso sofrido pelo bairro foi uma doença, a béri-béri. E Barra do Jucu surgiu, por volta de 1920, como o lugar ideal para o seu tratamento.

## IMPULSO NA GUERRA

“O pessoal vinha se tratar, gostava e acabava comprando ou construindo uma casa” — lembra seu Irio Leão, pescador desde 1932. Dessa época até a II Guerra Mundial, Barra do Jucu cresceu aos poucos, quase não se notava. A Guerra trouxe duas modificações para a população.

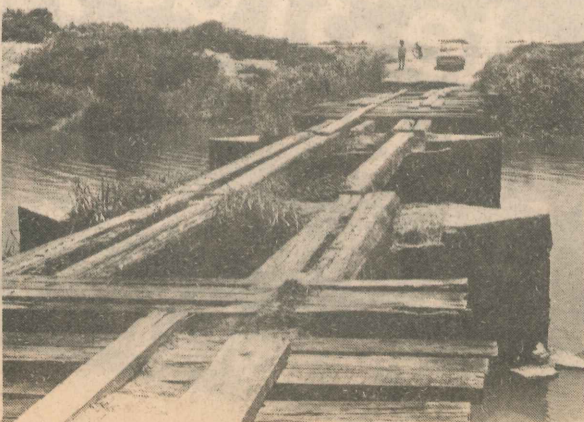
A primeira eram as **varridas** de helofotes em busca de submarinos inimigos na costa capixaba; a segunda, porque, numa época de crise nacional da habitação, o então prefeito de Vila Velha, Domício Mendes, doou centenas de lotes para quem quisesse construir na localidade — o que fez com que a Barra do Jucu perdesse as suas características de vila de pescadores, mas sem deixar de ser uma pequena localidade típica do Interior.

Um tipo de vida até hoje lembrada pela poetisa Marieta Valadares, que participava de festas e danças tradicionais como a de Reis, Lapinha e Roda. Nessa época, era comum os grupos de jovens, incentivados pela Igreja Católica local, saírem em grupos pelas ruas, representando cenas de teatro recitando poesias ou declamando os trechos das cantigas tradicionais. O clima entre a população — todos se conheciam — permitia que, diante de uma casa, o grupo parasse e cantasse, acompanhado de pandeiros, violão, cavaquinho e às vezes chocalho:

“Estamos na sua porta  
Feito um feixinho de lenha  
Esperando uma resposta  
Que da tua boca venha”

E a resposta, invariavelmente, era um convite para uma mesa com café, e rosquinha para as mulheres, a cachaça para os homens. E hoje: Barra do Jucu ainda teria condições de repetir cenas como essas?

Cvto Denaday



A velha ponte de madeira ainda é um desafio

Para a maioria dos moradores, a resposta é não, mas as razões podem ser encontradas muito mais na desvalorização do folclore do que propriamente na deterioração da convivência entre os moradores.

## ALGO MAIS

Essa convivência — os moradores não desconhecem — já não é a mesma de antigamente, mas mesmo assim muito daquele **algo mais** que atrai as pessoas a Barra do Jucu está nesse clima cordial, que permite por exemplo que os moradores durmam de janela aberta — e sem grade,

“Hoje, com toda a carestia, com tudo mais difícil em matéria de emprego, está cem vezes melhor que antigamente” — afirma o comerciante aposentado (e pescador sempre) Aristóteles José Duarte, morador de Barra do Jucu desde 1950, quando ainda não havia sequer luz elétrica, colocada em 1950 pelo então prefeito Tufi Nader.

Com o tempo, a paisagem foi se modificando (“antigamente isso era quase tudo mata, havia no máximo cinco casas de telha, o resto era de palha” — lembra Aristóteles José Duarte), novos moradores para lá se mudaram mas nem isso serviu para quebrar totalmente o encanto que Barra do Jucu exerce sobre as pessoas desde os anos da béri-béri. Hoje, há uma aparência de intensa atividade industrial pelas 14 malharias, entre pequenas médias e grandes, lá instaladas. Isso porque essas unidades fabris pouco representam em termos de emprego, já que, com exceção de uma, as demais não têm fabricação própria; trazem os produtos do Estado do Rio (Petrópolis, principalmente) e São Paulo e vendem mais por atacado.

## TURISTA DIFERENTE

Mesmo o turismo de verão, lá, é de outro tipo, pois quem anualmente vai a Barra do Jucu não é o mesmo que frequenta localidades como Guarapari ou Cabo Frio (no Estado do Rio), que recebem turistas com alto índice de rotatividade. Os que vão a Barra do Jucu são, afinal consequência daquele **algo mais**: em geral, estão lá no mínimo pela segunda vez.

Atualmente, Barra do Jucu, fora do período de verão, é um bairro como outro qualquer, que enfrenta problemas rotineiros como a água (muito amarelada), telefone (só existe **orelhão** público de relógio, a Cr\$ 120 por minuto), a estrada perigosa (mais de seis pessoas, a maioria jovens, já foram atropeladas na Rodovia do Sol), sem contar as pontes sobre o Rio Jucu (todas de madeira e em péssimo estado). Outros problemas haviam mas já foram resolvidos pela Associação de Moradores, que recorreram aos órgãos públicos e já não se aborrecem mais com o lixo (agora recolhido regularmente por um caminhão da Prefeitura), ou o ônibus — que atualmente circula de hora em hora para Vitória e de meia e meia hora para Vila Velha.

Apesar de os moradores terem pedido e conseguido — a instalação de uma cabine da Polícia Militar próximo da Rodovia do Sol, a violência não é o tema preferido dos moradores. Que preferem lembrar, por exemplo, que antigamente o medo da população era sair de casa, e, como não havia luz, tropeçar numa vaca placidamente deitada na rua...

## PÉ DO DIABO

Barra do Jucu, enfim, vive entre as lembranças do passado, a realidade do presente e o que foi testemunhado, ao longo de mais de meio século, pelos moradores mais antigos. Antigamente, os pais, para assustarem, as crianças, inventaram que duas marcas de pés — um enorme, disforme, e o outro pequeno, bem delineado — seriam os pés de Santo Antônio e do Diabo. Contam que Santo Antônio — o Santo pescador, como faz questão de mencionar Seu Irio Leão, o contador dessa história — estava pescando quando o Demônio tentou jogá-lo no mar; Santo Antônio, então, pegou o pé do Diabo e conseguiu atirá-lo nas águas, na pedra, ficaram as marcas dos pés do Diabo (o disforme) e de Santo Antônio.

Praias bonitas, clima agradável, apelo das origens. Essas são explicações apenas parciais para dizer a atração que, segundo os moradores, Barra do Jucu exerce sobre as pessoas. Uma explicação melhor pode ser encontrada na atitude de Seu Aristóteles José Duarte, que, mesmo sem gostar de cajá, passou uma manhã de sábado trabalhando para firmar alguns galhos carregados: “É o cajá do povo: eu não gosto mas vem muita gente pedir e a gente sempre dá...”